

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

«Escrever, hoje, na América Latina como na Europa, significará, cada vez mais, reescrever, remastigar»
Haroldo de Campos, «Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira» (1992: 255)

Entrar na biblioteca de Haroldo de Campos, conservada na Casa das Rosas de São Paulo, é introduzir-se em um espaço de circulação onde uns textos se conectam com os outros mediante referências e sinalizações. Nessa biblioteca, os livros não são estáveis. Na sua aparente quietude, participam de um movimento secreto que sacode as prateleiras e trabalha em silêncio o arquivo da cultura.

O propósito deste escrito, que faz parte de uma pesquisa em andamento, é começar a mostrar como funciona a sua biblioteca em relação ao que podemos nomear de *dispositivo de leitura* de Haroldo de Campos. A tese, construída depois de alguns meses de trabalho na Casa das Rosas, é que a sua biblioteca é um organismo vivo e mutante ao serviço da crítica e da criação. Um estudo aprofundado desta questão – no qual estou trabalhando agora – poderia mostrar materialmente o modo de funcionamento da sua biblioteca e o seu valor fundamental na construção da obra de Haroldo¹.

Constituída por mais de 21.000 volumes, a sua biblioteca pode ler-se como a materialização e o sedimento de uma prática de escritura. Para Haroldo a crítica era, como para Ezra Pound, em um primeiro momento um problema de *seleção*². A ideia do *paideuma* – aquilo que precisa ser lido, transmitido, ensinado, não só como conhecimento do passado, mas para os usos do presente – é um recorte menor do que a biblioteca; mas a biblioteca já prefigura o *paideuma* e permite mobilizá-lo no presente. Como Haroldo escrevia em uma carta a Jakobson, «a qualidade da escolha decide um pouco de antemão, como uma verdadeira

NOTAS

1 | Esta pesquisa começou no mês de agosto de 2015 e se beneficiou de duas estadias de pesquisa. A primeira, sobre a recepção de Roland Barthes no Brasil («Estudio comparado de la recepción del pensamiento crítico francés em el campo iberoamericano. Usos brasileños de la teoría desde la perspectiva transatlántica»); a segunda, sobre Haroldo de Campos («Estudio comparado de la historia y los usos de la teoría literaria desde la perspectiva transatlántica: los usos de la teoría literaria en Brasil y el caso Haroldo de Campos»), as duas financiadas pelo Banco Santander («Becas Iberoamérica. Santander Investigación»). No mês de agosto aprofundarei esta pesquisa – cujos resultados foram compartilhados no dia 19 de outubro de 2017 no XIII Congresso da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG): A criação em circulação – graças a uma bolsa do Programa Haroldo de Campos de Incentivo à pesquisa e à tradução.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



condição de possibilidade, do êxito final da análise, da sua plenitude pelo menos. A operação seletiva – a escolha do objeto – seria já uma primeira decisão constitutiva do ato crítico» (Jakobson, 2007: 197). Leyla Perrone, quem se insere nesta mesma genealogia e a reconstrói, afirma também que o que está em jogo já na própria escolha é o «julgamento de valor implícito em todo discurso histórico» (21). Por isso, antes de qualquer outra coisa, a crítica é «escolha e valor». A biblioteca de Haroldo é uma materialização desse princípio; e pode ser pensada assim, com as matizações que virão depois, como um *recorte* da cultura que conserva aquilo que é digno de ser conservado.

1. Descrição do catálogo

Começemos por uma descrição externa do catálogo. A biblioteca inclui, no seu último registro de dezembro de 2016, 21.244 documentos. Deles, 13.850 são livros; 5.324 periódicos ou fascículos; 897 catálogos de exposições; 496 separatas; 240 guias; 82 teses doutorais; 51 programas de teatro e outros eventos; 4 partituras; e 300 elementos de hemeroteca. É significativa a proporção que se estabelece entre os livros e as revistas: as últimas representam aproximadamente uma quarta parte do total, o que é uma porcentagem bastante alta. As revistas constituem um espaço vivo de produção de saber. E, na época, muitos dos livros de autores como Derrida ou Barthes são o resultado da coleta de artigos publicados antes em publicações periódicas, artigos originais que o próprio Haroldo consigna às vezes nos livros que lê. Acontece que o que nos livros está em estado de produto aparece geralmente nas revistas ainda como tentativa; ou, em outros termos, o que nos livros é às vezes um item já fixado no arquivo da cultura, nas revistas está mais perto do acontecimento e da produção.

O contato de Haroldo com as revistas não é nem puramente passivo nem de leitura, mas implica muitas vezes a sua inserção nas redes intelectuais contemporâneas. Não é aqui o lugar para analisar a sua inscrição nas redes intelectuais internacionais, mas é possível lembrar, junto com os trabalhos de

NOTAS

2 | «It is my firm conviction that a man can learn more about poetry by really knowing and examining a few of the best poems than by meandering about among a great many» (Pound, 1987: 43).

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



Gênese de Andrade, quem reconstrói a sua relação com os hispano-americanos (2010a, 2010b), umas palavras de Leyla Perrone:

O Haroldo esteve sempre em toda parte, antes de todo mundo – eu digo antes dos universitários porque ele não era universitário na época. Ele tinha conhecimento do formalismo russo, tinha contatos antes de mim com o grupo *Tel quel*, com o grupo *Change* [...]. Foi o primeiro que entrou em contato com o Todorov, com a Kristeva, com todo mundo (Wolff: 82).

O contato com as revistas é também, muitas vezes, participação ativa com *os grupos*. A biblioteca de Haroldo conserva, entre outras, uma mostra importante das seguintes revistas: a espanhola *Cuadernos hispano-americanos*; as mexicanas *Revista de la Universidad de México* e *Vuelta*; as francesas *Tel quel*, *Change*, *Poétique* e *Action poétique*; e a italiana *Aut aut*. Essas revistas não proveem ao autor simplesmente de materiais, mas são frequentemente um indicador das suas conexões pessoais e institucionais. A sua relação com as revistas assinala assim a sua modernidade, no sentido de vontade de atualização permanente para estar na moda.

O outro traço marcante da biblioteca é o seu caráter cosmopolita, visível na sua composição linguística. Em relação às línguas, é uma biblioteca internacional e multilíngue. O conjunto principal é o português, com um 43,63% do total. O segundo conjunto está composto pelo espanhol (18,30%), o inglês (14,91%) e o francês (11,92%). O conjunto seguinte está composto pelas obras em italiano (7,52%) e em alemão (6,37%). O resto de línguas – que apresentam entre elas importantes diferenças – não representam em nenhum caso nem 1%, e todas elas conformam aproximadamente 3% do total.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



IDIOMAS DAS OBRAS			
Português	9.26	Tcheco	22
	9		
Espanhol	3.88	Polonês	19
	9		
Inglês	3.16	Galego	16
	8		
Francês	3.16	Húngaro	13
	8		
Italiano	1.59	Árabe	9
	8		
Alemão	1.35	Sânscrito	9
	4		
Japonês	171	Dinamarquês	6
Grego	153	Sérvio	6
Hebraico	66	Coreano	5
Catalão	62	Yorubá	4
Latim	57	Sueco, Crota	3
Russo	44	Guarani, Romeno	2
Chinês	33	Aramaico, Armênio, Esloveno, Esperanto, Finlandês, Irlandês, Lituano, Norueguês	1
Holandês	27		

Estes dados dão conta de um projeto de escritura que poderia ser estudado confrontando com mais detalhe os corpora e as tipologias de textos nas diferentes línguas. Cabe indicar que, além disso, uma parte importante das obras em português são traduções. O que indica – entre outras coisas – que o bloco em língua portuguesa da sua biblioteca é, também, um bloco internacional. Só vou lembrar, nesse sentido, a importante labor de edição que teve Haroldo no editorial *Perspectiva*, onde foram traduzidos, entre muitos outros, Octavio Paz, Tzvetan Todorov, Julia Kristeva, Christian Metz, Umberto Eco, Cesare Segre, Gérard Genette, Jean Starobinski, Krystyna Pomorska e Roman Jakobson – livros que, obviamente, também fazem parte da biblioteca de Haroldo.

2. Os usos da biblioteca

A descrição externa do catálogo é necessária, mas ficar nesse nível seria esquecer o caráter produtivo da biblioteca. Esta biblioteca não é de conservação: é de uso e de consulta. Segundo a caracterização nietzschiana, estaria ao serviço da vida. Que aqui

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



quer dizer ao serviço de um projeto de escritura. Isso faz que o recorte dos livros, revistas, separatas e outros materiais que constituem a biblioteca não seja plano. Escrevia Haroldo na «nota prévia» da *Operação do texto*: «A operação do texto, aqui, é um exercício jubilatório. Quando tantos classificam e esquematizam, é bom que alguém ou alguns restituam à crítica a sua dimensão heurística» (2013a: 11). O «respeito reverencial» que atribui Haroldo aos «historiadores de ofício» (12) é o próprio da história antiquária da que falara Nietzsche na sua segunda consideração intempestiva: «Uma curiosidade insaciável, tão vã quanto mesquinha», que «alimenta-se com alegria da poeira das bagatelas bibliográficas»³. A característica principal dessa relação é a imobilidade do saber e a separação radical entre passado e presente. Esses historiadores, segundo Haroldo, «sempre virão outra vez arrumar nas prateleiras os autores e obras temporariamente deslocados dos nichos “gloriosos”, pois têm ouvidos à prova de abalos sísmicos, paciência cadaverosa e uma suspicácia vaticana diante do milagre» (2013a: 12). À diferença dessa concepção, o dispositivo de leitura de Haroldo faz da sua biblioteca um organismo vivo que pode assaltar ao leitor desde o passado para sacudir a sua tranquilidade. A sua biblioteca pode ser pensada deste modo como uma materialização da sua visão sincrônica da literatura; a qual, paradoxalmente, não seria possível sem essa biblioteca. Nela, como escreveu em «Texto e história», «o que era antes um panorama amorfo, contemplado por um olho destituído de projeto, ganha coerência e relevo hierárquico, readquire vida dentro de uma tábua sincrônica onde presente e passado são contemporâneos» (2013b: 18).

Essa tábua sincrônica é projetada por um leitor virado para a crítica e a criação. As marcas dessa leitura são evidentes. Haroldo sublinha os seus livros com marca-textos e canetas de cores (raras vezes com lápis), e resume o argumento, geralmente com uma ou duas palavras, nas margens. Além disso, comenta os textos em notas que remetem a críticas, associações ou, com frequência, a outros autores (muitas vezes indicando a referência com título e página). São raras as intervenções subjetivas (no sentido de interpolar o efeito afetivo que a leitura produz nele). Só os signos de exclamação

NOTAS

3 | Cito este fragmento da *Segunda intempestiva* de Nietzsche da tradução de Leyla Perrone em *Altas literaturas* (1998: 23). Ela traduz da edição francesa de 1988 (*Seconde considération intempestive. De l'utilité et de l'inconvénient des études historiques pour la vie*, Paris: Flammarion).

NOTAS CRÍTICAS

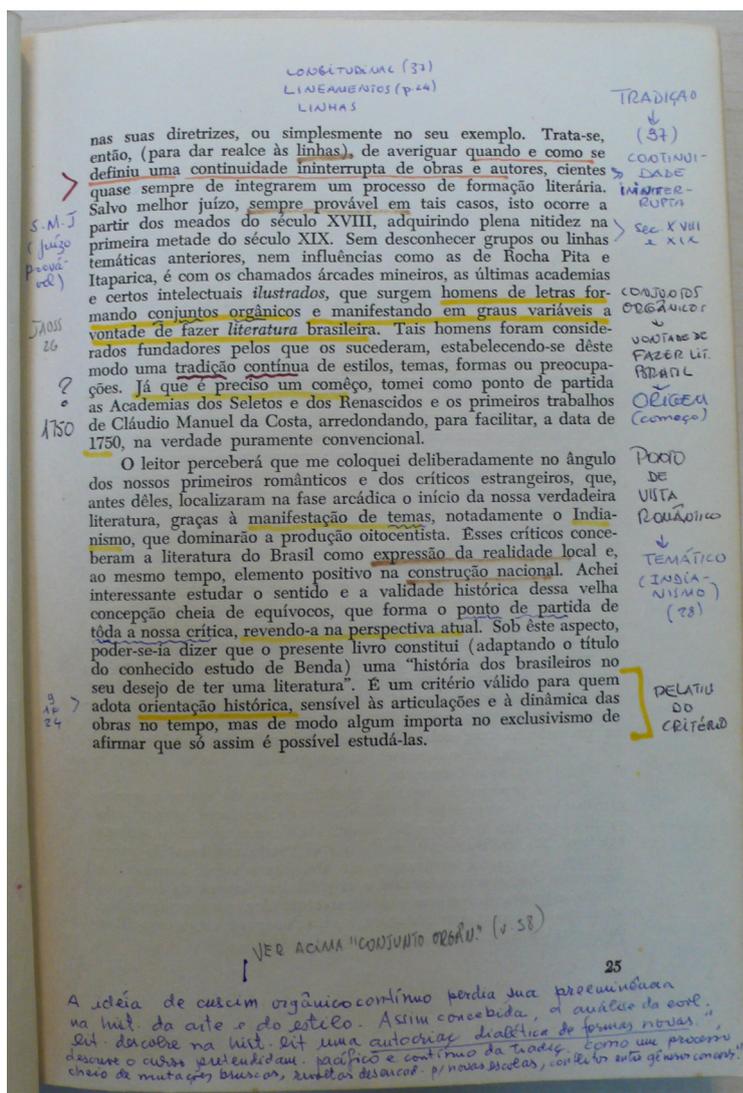
*O dispositivo de leitura de
Haroldo de Campos e os
usos da biblioteca*

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



escandem, às vezes, alguns textos. Se bem que, desde certo ponto de vista, isso poderia fazer pouco interessantes as suas anotações, o certo é que essa geral sobriedade é o resultado de um modo de trabalho que permite reconstruir o tecido intertextual que demarca o seu pensamento, e que às vezes prolonga em diversas direções de texto em texto. Essas inscrições mostram que o seu pensamento não é simplesmente pontual, mas circulatorio.



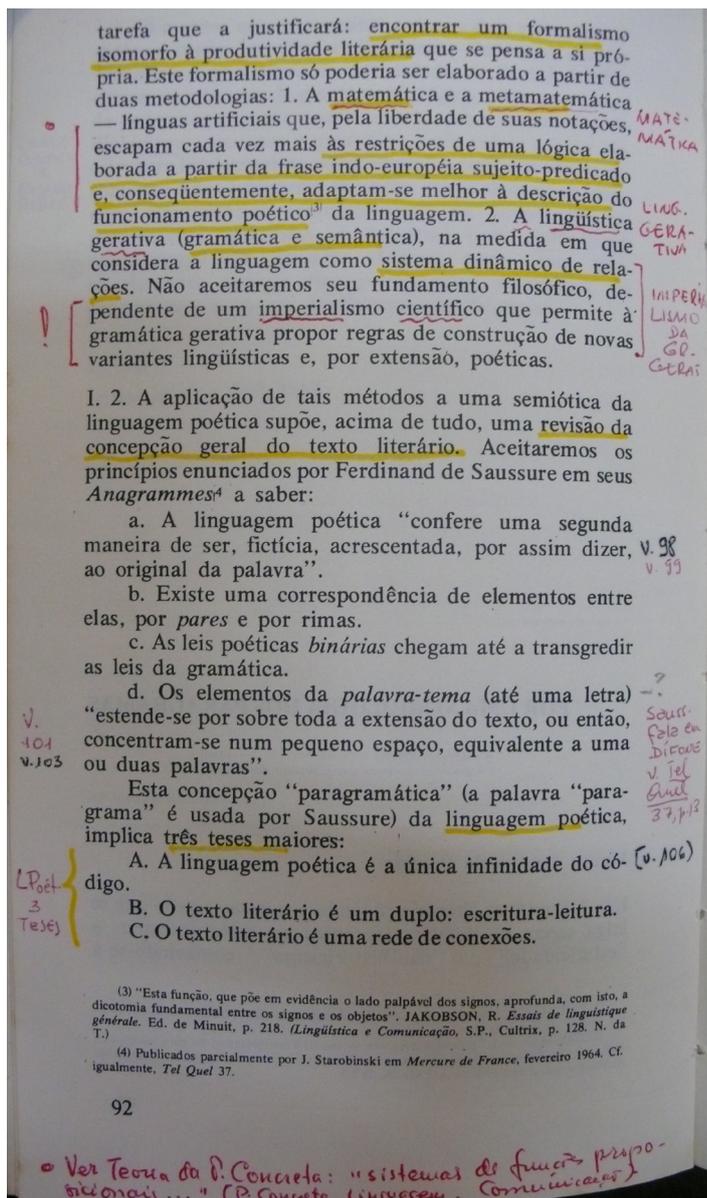
CANDIDO, A. (1969): *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836)*, 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1], p. 25.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



KRISTEVA, J. (1974): *Introdução à Semanálise*, São Paulo: Perspectiva («Debates – Semiótica», 84) [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 3013], p. 92.

Haroldo pratica também, geralmente, uma leitura *intensiva* que não tem inconveniente em interromper-se, fragmentando as obras mediante a leitura. Para Haroldo, a leitura está subordinada à escritura; e, aqui, toda leitura é (re)escritura. O crítico-escritor que ele é lê escrevendo; e, reescrevendo, pensa. O seu gesto de apropriação está intimamente ligado, portanto, a certo uso da biblioteca. Pois não temos que esquecer que, no centro dessa galáxia intertextual, está, como gostava de dizer Julio Cortázar, «el gordo cósmico», o *gordo cósmico*: Haroldo⁴, mastigando e remastigando, depois da sua escolha crítica, o

NOTAS

4 | Entrevista com Julián Ríos (París, agosto 2017). Ríos referiu que Cortázar dizia que a literatura latino-americana tinha dois «gordos»: o «gordo telúrico» (Lezama Lima) e o «gordo cósmico» (Haroldo de Campos).

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



legado da tradição para construir uma obra nova. Para fazer novo, de novo, o escrito. «Make it new!».

Dessa forma, na sua manducação, Haroldo se nutre e apropria dos mais variados argumentos e os articula com o seu próprio trabalho crítico. As notas marginais, que constituem um *procedimento de controle* que possibilita a reconstrução do argumento, produzem *apostilas*, as quais permitem a Haroldo a introdução da sua voz na escritura, conectando-se com a tradição mediante um movimento de apropriação.

3. O caso *Tel quel*

O caso das suas relações com *Tel quel* pode ser reconstruído mediante um duplo registro biográfico e de leitura. Nos anos sessenta, Haroldo lê com atenção os textos de *Tel quel*. Na sua leitura de Kristeva sublinha com uma caneta amarela a frase «Assim, no paragrama de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor» (98), e anota ao pé da página com caneta vermelha: «Poética sincrónica.EP.: a literat. não existe no vácuo». E, na página seguinte, após sublinhar a expressão «pessoal-impessoal» (99) referida à poesia, também em caneta vermelha: «PESSOAL/IMPESSOAL – ver o meu “anônimo e personalíssimo” (Pref. as *Galáxias*, via Mallarmé – “disparition élocutoire du moi”. E na página seguinte: “V. *Teor. da P. Concreta*, p. 71, “sist. não. aristotélico”, refeição do principio da identidade (imitação)» (100). Esse texto, «Por uma semiologia dos paragramas», está abundantemente anotado, com uma multiplicidade de referências à poesia concreta e ao seu próprio trabalho

Sendo o interlocutor um texto, o sujeito é também um texto: uma poesia pessoal-impessoal é o resultado da qual são banidos, ao mesmo tempo que o sujeito-pessoa, o sujeito psicológico, a descrição das paixões sem conclusão moral (372), o fenómeno (405), o acidental (405). “Vencerá a frieza do axioma!” (408) A poesia se construirá como uma rede axiomática indestrutível (“o fio indestrutível da poesia impessoal” (384) mas destruidora (“o teorema zomba de sua natureza”, 413).

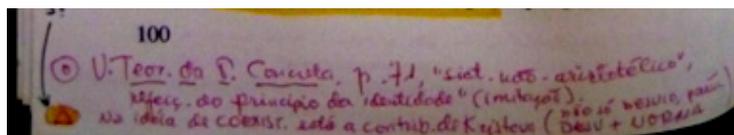
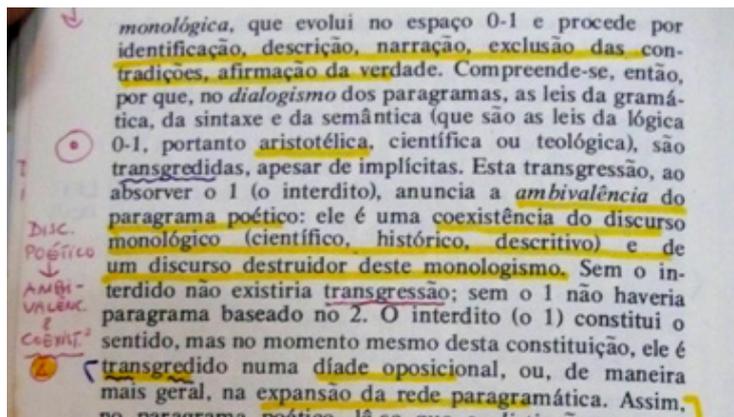
© PESSOAL/IMPESSOAL – ver o meu “anônimo e personalíssimo” (Pref. as *Galáxias*, via Mallarmé “disparition élocutoire du moi”

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de
Haroldo de Campos e os
usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



KRISTEVA, J. (1974): *Introdução à Semanálise*, São Paulo: Perspectiva («Debates – Semiótica», 84) [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 3013], pp. 99-100.

É possível aventurar, pelo menos em termos de hipótese, que ele deixa de ler Kristeva aproximadamente depois da batalha com *Change*. Haroldo terá boas relações com Roman Jakobson, Jean-Pierre Faye e Jacques Roubaud, que se afastam de *Tel quel*. Os livros que desde esse momento ele recebe, dedicados, de Kristeva e de Sollers estão intatos (à exceção, é verdade, de *Paradis*, que interessava a Haroldo por uma inquietante proximidade ao seu projeto de *Galáxias*). Não por acaso, o mesmo acontece com a revista *Tel quel* depois de 1971.

4. Inteligibilidades e valores da biblioteca

A descrição do catálogo da biblioteca não pode ser, portanto, simplesmente nominal, mas precisa reconstruir as invisíveis mediações que a fazem inteligível. Depois de consultá-la, é preciso estabelecer uma distinção operativa em relação ao *valor* dos livros, os quais não se acham em um mesmo nível; ao contrário, as relações que estabelecem entre eles os jerarquizam. Em uma primeira aproximação, podemos estabelecer três níveis:

4.1. Periferia

Na periferia do sistema estão os livros, e os textos, sem anotações. Livros que Haroldo adquiriu

NOTAS CRÍTICAS

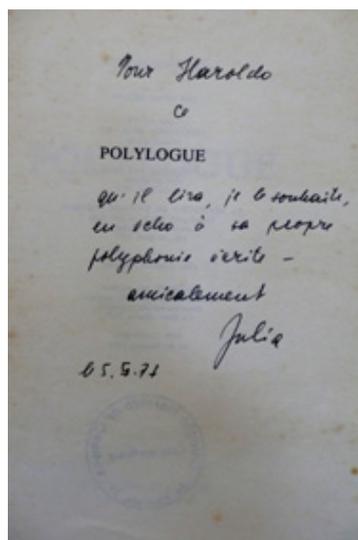
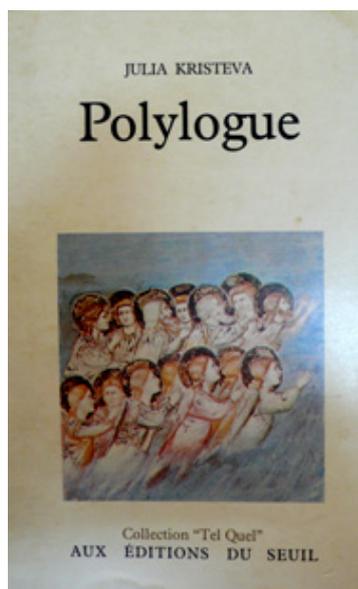
O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



– ou que recebeu como presente – e que, pelo seu estado atual, parece que não foram lidos pelo autor, ou bem foram lidos de um modo superficial. Do mesmo modo, a sua biblioteca tem livros dedicados, como o livro que Julia Kristeva lhe envia em 1977, que, presumivelmente –pois não tem anotações–, Haroldo nunca leu nem «mastigou» («Pour Haroldo ce POLYLOGUE qu'il lira, je le souhaite, en écho à sa propre polyphonie écrite – amicalement Julia le 5.5.77»).



KRISTEVA, J. (1977) : *Polylogue*, Paris : Seuil.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

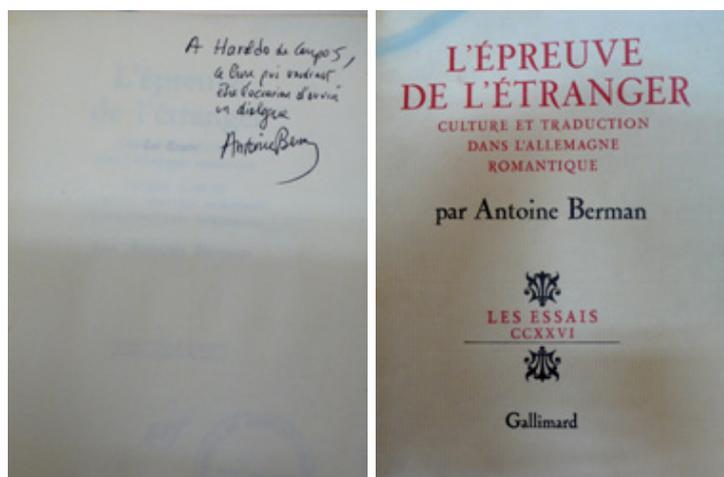
Ilustración: Mario Vale



Sem excluir a possibilidade de que o autor lesse esses livros, e outros, em exemplares que não conservou, o estudo da sua obra confirma o que achamos na sua biblioteca: Haroldo não deixou nenhum rastro neles e, se julgarmos pela sua escrita, eles tampouco deixaram nenhum rastro, nenhum eco, nele. Esses volumes são o resíduo da biblioteca, o qual, não obstante, traça um contorno que não é desdenhável. Há uma lógica, que poderia ser estudada, de como os livros entram em uma biblioteca. Cada biblioteca tem a sua porosidade específica e os seus canais de entrada. E, igualmente, tem a sua própria plausibilidade, que remete aos tipos de livros que são plausíveis nela e aos que não o são. Com tudo, a biblioteca de Haroldo dispõe de um imenso contorno de livros não lidos nem usados, mas que estão – em qualquer caso – disponíveis. E, em qualquer momento, uma leitura ou um projeto de escritura poderia (pôde? pode? poderá?) ativá-los e levá-los até as zonas centrais.

4.2. Semi-periferia

Em uma posição mais centrada (ou semi-periférica), encontramos os livros grifados, onde Haroldo esquematizou o argumento, escreveu algumas anotações e construiu um índice de referências ao final. Estes volumes aparecem, geralmente, como fonte de consulta e como provisão de discursos alheios e informações. É o caso de *L'épreuve de l'étranger* de Antoine Berman, de 1984.



BERMAN, A. (1984) : *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, Paris: Gallimard. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 9632.]

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



A interrupção é um gesto típico dessas leituras. Há muitos livros que começam sendo anotados com profusão até um momento onde, aparentemente, a leitura é suspendida. Assim, os *Appunti per una semiologia delle comunicazioni visive* de Umberto Eco (Università de Firenze, Bompiani, 1967) estão minuciosamente grifados até a página 159. Depois desse ponto, e até a página final (207), não há nenhum outro rastro da leitura.

4.3. Centro

Nas posições centrais – em um centro constantemente descentrado – estão os livros fundamentais para o seu projeto de escritura; e, mais que os livros, algumas secções ou fragmentos desses livros. O trabalho de recorte e escolha da biblioteca sobre o volume do escrito aparece redobrado pelos recortes e ensambladuras da leitura. Na *Introdução à semanálise* de Julia Kristeva «A palavra, o diálogo e o romance» e «Por uma semiologia dos paragramas» são textos grifados com profusão, mas não os outros. E na *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido a atenção de Haroldo concentra-se nos dois prefácios e na introdução.

Este último caso é especialmente relevante, pois, como é sabido, *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira* (1989) é um livro escrito para propor um modelo historiográfico diferente do de Candido. Com motivo da sua escritura, uma parte da biblioteca começa a mobilizar-se, e os livros conservam ainda hoje esses traços bem marcantes.

As anotações de Haroldo são, desse modo, fundamentais para reconstruir o funcionamento da biblioteca e os diversos níveis de leitura que a mobilizam. Em um primeiro nível, Haroldo anota as páginas iniciais do livro de Candido e constrói *redes textuais* ao interno da própria obra. A página 15 remete à página 23; a 23 à 9, 10, 17, 18 e 26; a 26 à 18, 23 e 28; e assim sucessivamente, criando redes textuais ligadas por problemas específicos.

Em um segundo nível, Haroldo enlaça a *Formação* com outras obras de Candido, especialmente *Literatura e Sociedade* (ver p. 16, com remissão às páginas 8, 10 e 21-46), para descobrir a sistematicidade do pensamento de Candido.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



O terceiro nível de leitura consiste em enlaçar os textos de *Candido* com outras textualidades que serviram a problematizar os pressupostos dos que parte a obra. Os principais nomes dessa problematização são Jauss e Derrida que, junto com Jakobson, serão as referências teóricas principais que aparecem no *Sequestro do barroco*. A leitura destes fragmentos mostra que a prática de leitura de Haroldo promove a criação de galáxias textuais. Desse modo, mais que uma interpretação no sentido hermenêutico do texto, Haroldo trabalha mediante procedimentos de recorte, seleção e montagem. O que aconteceria se colocarmos ao lado do prólogo de *Candido* *Pour une esthétique de la réception* de Jauss? O que, se pensarmos a história da literatura brasileira no mesmo espaço da «différance» derridiana (e, particularmente, de alguns fragmentos de *De la grammatologie*)? Esse gesto não é o da aplicação, mas o do curto-circuito: ao combinar *Candido* com Jauss, a história do primeiro é curto-circuitada para fazer entrar a literatura brasileira em um novo circuito textual, em um novo espaço de circulação.

Entende-se porquê, nesse dispositivo, a escritura é a continuação da leitura. A figura da espiral ajuda a apreender o movimento da biblioteca. Uma espiral que tem o seu eixo gerador em um centro constantemente deslocado que, em um movimento centrífugo, perde constantemente a sua presença ao tempo que desloca e reordena o resto de textos. O lugar dessa escritura é a biblioteca já que, como escreveu Haroldo em 1980, «escrever, hoje, na América Latina como na Europa, significará, cada vez mais, reescrever, remastigar» (1992: 255). O movimento que impulsiona essa revolução permanente é a escritura: a criação de uma obra própria baseada na re-mastigação da cultura. Assim, a biblioteca é sacudida por um movimento de escritura que ordena e desordena os livros e os fragmentos, e os faz comunicar mediante referências intertextuais que – quando o argumento captura a atenção de Haroldo – começam a proliferar nas suas anotações.

5. O dispositivo Haroldo de Campos

O dispositivo de leitura Haroldo de Campos é uma grande máquina de produção de textualidades.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



Nesse sentido, é possível dizer que na biblioteca de Haroldo falta um livro. Essa ausência trabalha secretamente as suas prateleiras. Embora as relações de Haroldo com o pensamento –e a obra– de Maurice Blanchot sejam muito externas e superficiais, é possível afirmar que, mediante outro percurso e procedimentos, o livro que falta na sua biblioteca é *o livro por vir* blanchoteano. Esse livro – ou texto – que daria sentido à literatura é a peça em que trabalha infatigavelmente Haroldo. Escreve em «Texto e história» (1967):

Uma nova obra decisiva ou um novo movimento artístico propõem um novo modelo estrutural, à cuja luz todo o passado subitamente se reorganiza e ganha uma coerência diversa. Nesse sentido, é que a literatura é o domínio do simultâneo, um simultâneo que reconfigura a cada nova intervenção criadora (2013b: 24).

A biblioteca de Haroldo é uma magnífica concreção, cheia de *rastros textuais*, dessa apropriação criadora.

6. Viva, a biblioteca

A biblioteca de Haroldo é um corpo vivo que convida a ser percorrido. É possível imaginar, já que não reconstruir pelo momento, as fases da sua formação; a variação do caudal de entrada dos livros; a sua agrupação dentro do arquivo; as camadas sucessivas de tipologias textuais; a lógica mediante a qual umas tipologias – e, às vezes, uns textos – possibilitam a entrada de outros; e os acontecimentos principais que reordenam o acervo em função dos novos projetos de escritura. As tipologias da biblioteca de Haroldo podem coincidir com tipologias históricas gerais, mas são imanentes à biblioteca e, no caso de Haroldo, tendem a entrelaçar linguística, literatura e tradução. O seu catálogo supõe não só a descrição física dos volumes, mas também as múltiplas ordenações que fazem dela um laboratório crítico e literário.

Essa biblioteca não é nem pode ser, portanto, um corpo estável. Cada novo texto supõe um deslocamento; e, também, cada novo projeto de escritura. Poderíamos pensar que a morte de Haroldo fecha a biblioteca, mas não é assim. Pois, por causa da sua construção, ela permite – e precisa – de diversos modos de entrada. Hoje é, entre outras

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



coisas, um magnífico arquivo da teoria e da crítica literária editadas na segunda metade do século vinte pelo menos nos contextos de fala francesa, italiana, espanhola e portuguesa.

O trabalho de Haroldo passa por fazer certas as palavras que ele usou para referir-se a Borges:

A um certo momento, com Borges pelo menos, o europeu descobriu que não podia mais escrever a sua prosa do mundo sem o contributo cada vez mais avassalador da diferença aportada pelos vorazes bárbaros alexandrinos. Os livros que lia já não podiam ser os mesmos, depois de manducados e digeridos pelo cego homeriada de Buenos Aires, que ousara até mesmo reescrever o *Quijote*, sob o pseudônimo de Pierre Menard... (1992: 253-254).

Da mesma forma, os livros da biblioteca de Haroldo – ao menos, os livros da primeira categoria, aqueles que ele leu e trabalhou desde a sua singularidade – já não são mais os mesmos *depois de manducados e digeridos pelo gordo cósmico de São Paulo, que ousara até mesmo reescrever a história da literatura brasileira fazendo da leitura uma operação privilegiada e da sua biblioteca o espaço de possibilidade de uma revisão constante da história.*

Bibliografia citada

- ANDRADE, G. (2010a): «Afinidades eletivas. Haroldo de Campos traduz os hispano-americanos», *Caracol*, 1, 36-63.
- ANDRADE, G. (2010b): «“Escrituras que brilham em plena noite”: Haroldo de Campos e a literatura hispano-americana» em Dick, A. (org.), *Signâncias: reflexões sobre Haroldo de Campos*, São Paulo: Risco Editorial, 148-173.
- DE CAMPOS, H. (1992): «Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira», *Metalinguagem & outras metas*, São Paulo: Perspectiva, 231-255.
- DE CAMPOS, H. (2007): «Notas à margem de uma análise de Pessoa» (carta a Roman Jakobson: São Paulo, 14 de julho de 1968), Jakobson, R., *Lingüística, poética, cinema. Jakobson no Brasil*, São Paulo: Perspectiva, 195-2014.
- DE CAMPOS, H. (2013a): «Nota prévia» (jul. 1975) em *A reoperação do texto*, São Paulo: Perspectiva, 11-12.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



DE CAMPOS, H. (2013b): «Texto e história» em *A reoperação do texto*, São Paulo: Perspectiva, 15-25.
PERRONE-MOISÉS, LEYLA (1998): *Altas literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*, São Paulo: Companhia das Letras.
POUND, E. (1987): *ABC of reading* [1934], Canada: New Directions Paperbook.
RÍOS, J. (2017): Entrevista de Max Hidalgo Nácher. Agosto 2017, Paris.
WOLFF, Jorge (2008): *Telquelismos latinoamericanos*, Buenos Aires: Grumo. [ed. em português (2016): *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*, Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.]

LIVROS DO ACERVO HAROLDO DE CAMPOS (Casa das Rosas, Av. Paulista, São Paulo)

BERMAN, A. (1984) : *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, Paris: Gallimard. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 9632.]
CANDIDO, A. (1965): *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo: Companhia Editora Nacional (Ensaio, 3). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 12058.]
CANDIDO, A. (1969): *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836)*, 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1.]
KRISTEVA, J. (1974): *Introdução à Semanálise*, São Paulo: Perspectiva ("Debates – Semiótica", 84). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 3013.]
KRISTEVA, J. (1977) : *Polylogue*, Paris: Seuil ("Tel Quel"). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 10882.]